

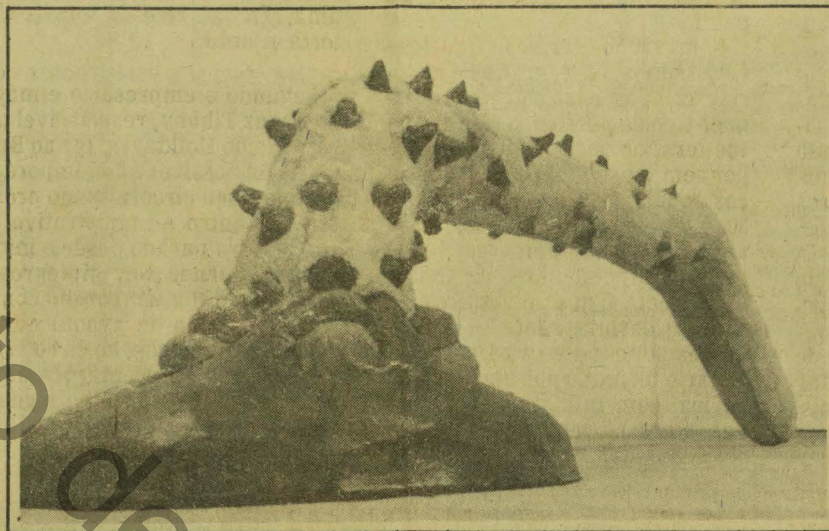
Ivens, Iole, Tunga: a nova escultura

Uma das melhores surpresas da última Bienal de São Paulo foi a representação inglesa, constituída por seis escultores da nova geração. Devido ao conceito de analogias de linguagem aplicado à montagem, as obras dos escultores ingleses foram dispersadas, mas, trazidas, em seguida, para o Museu de Arte Moderna do Rio ganharam unidade. E deixaram um forte impacto. Foi fácil verificar, então, que, efetivamente, a nova escultura inglesa constitui o terceiro vértice do triângulo da vanguarda européia de hoje.

Claro que a renovação da escultura não se restringe, hoje, à Inglaterra, assim como a transvanguarda e o neoexpressionismo, nascidos na Itália e Alemanha, são hoje moeda comum em toda Europa, com reflexos na arte mundial, brasileira inclusive. Tampouco o caráter pictórico da escultura inglesa é, hoje, a única tendência nesse campo expressivo. Prova disso é o último

número da revista francesa "Art Press", que paralelamente ao exame da atual Bienal de Paris (na qual vários pintores expõem esculturas) traz um amplo dossiê da nova escultura. Em nove ensaios, são analisadas as vertentes da escultura atual, que Catherine Milliet, editora-chefe da revista, sintetiza em duas atitudes básicas. A primeira consiste em associar os procedimentos pictóricos, como o ilusionismo e os efeitos de matéria, à utilização disto que desejou negar a arte ilusionista: o objeto ready-made. A segunda atitude conduz ao que Milliet denomina "estética do refúgio". Os novos escultores não têm a pretensão de acrescentar qualquer coisa ao mundo, nem objeto grandioso nem mensagem: querem apenas construir um sentido.

Ao comentar a mostra dos ingleses (8.2.84) levantei algumas características da nova escultura. A principal delas é a negação do conceito etnocêntrico e antropomórfico ligado à tradição da escultura: verticalização da figura e dos volumes. A nova escultura nem sempre se põe de pé: está rente ao chão, é rastejante ou, então, gruda-se à parede como sanguessuga. Os materiais nobres



Escultura de Ivens Machado (1984), feita de concreto armado: uma sensação de leveza, telas de arame, porcas, cobre e latão, em Iole de Freitas.

Uma 'ética feminina' substitui a anterior 'ética machista' que ligava escultura a esforço

como mármore, bronze, ferro, pedra e madeira são freqüentemente substituídos por outros, precários, arrancados das sobras do consumo. Arqueologia de detritos. Há uma espécie de "ética feminina" a substituir a anterior "ética machista" que vinculava a escultura ao esforço físico: o desbaste do granito, a solda elétrica etc. e esta nova atitude assemelha-se ao que vem ocorrendo, também, no campo da cerâmica. Dois conceitos resgatados pela nova escultura: bricolage, de Lévi-Strauss, e des-construção, de Derrida.

No Rio, neste momento, duas exposições participam desta renovação escultórica: Ivens Machado, na galeria Thomas Cohn, e Iole de Freitas, na galeria Paulo Klabin. A essas duas mostras, acrescenta-se uma terceira, a que o carioca Tunga está realizando no Gabinete de Arte Raquel Babenco, em São Paulo. De saída, as três exposições têm em comum o emprego, por seus autores, de materiais pouco ortodoxos: concreto armado, vergalhões, cacos de vidro, azulejo e pregos, em Ivens Machado; fios de latão, cobre e cancalon, em Tunga; tubos de borra-

Em vez do tom de agressão, lirismo

Esta componente pop (irônica) e surrealizante (o caráter intrigante dessas peças, sua subjetividade, imagens que parecem vir de regiões profundas, do inconsciente) de seu trabalho atual, substituem o tom mais agressivo e expressionista de sua produção anterior. E esta agressividade residia tanto na assepsia do ambiente construído com azulejos brancos, como no mapa do Brasil coberto por cacos de vidro. A raiva é substituída por um lirismo de tipo novo, que nada tem de piegas, e que o aproxima, como tantos outros escultores, até pelo uso da cor e das texturas, da nova pintura.

O corpo foi, desde o início, o principal referencial da arte de Iole de Freitas. Mas, como em Ivens, sua abordagem inicial foi muito agressiva. Transitando entre o conceitual e a body-art, Iole aproximou-se do corpo pela via ritual e catártica: facas ameaçadoras, espelhos partidos etc. O fato de que estes rituais eram presenciados apenas pela câmara, veiculados depois em fotos ou vídeo, não os torna menos violentos. Hoje, a artista enfrenta o corpo com menos raiva e sofreguidão, ele não se mostra mais ferido ou fragmentado, mas como uma unidade envolvente e ondulante. Durante quase 40 dias, ouvimos falar e vimos pela televisão, através de desenhos, toda a parafernália de máquinas e fios que envolviam o presidente, que afinal veio a falecer. Me lembrei disso, vendo a exposição de Iole. E como se Iole criasse um corpo paralelo ao seu para melhor observar seu funcionamento, sua lógica interna. Claro, não se trata de um cientista, mas de um artista que lida com metáforas, que opera no campo do sensível. Ela não quer comprovar nada, apenas elaborar uma poética do corpo. Neste sentido ela estaria mais próxima daquilo que Lygia Clark denominou, há quase três décadas, de uma nostalgia do corpo. A arte, aliás, é isto: um mundo que caminha paralelo ao real, uma pele muito sensível, um pulmão poético, a sístole a diástole da liberdade de ser.